

Recepção oral e produção escrita – um estudo sobre aprendizado da língua alemã por alunos de graduação em Letras

REGINALDO DUDALSKI,
SANDRO FIGUEREDO E
SELMA M. MEIRELES¹

Introdução

A aquisição de uma língua estrangeira é um processo que apresenta inúmeros desafios ao estudante: uma cultura diferente, outra sintaxe e uma nova estrutura fonética. No estudo da língua alemã, o aluno brasileiro encontra diversas dificuldades que devem ser paulatinamente superadas. A primeira delas, sem dúvida, consiste em romper a barreira do estranhamento sonoro. É preciso não somente ser capaz de reconhecer e reproduzir os fones da nova língua, como também de identificar os fonemas durante a audição, estabelecendo os recortes necessários à compreensão eficiente.

Outro problema, igualmente relevante, é a aquisição da ortografia, algo ainda pouco estudado quando se tem por objeto uma língua estrangeira e, particularmente, o alemão. No caso da língua materna, temos dois processos que ocorrem em momentos distintos: primeiramente a criança aprende a variante falada de sua língua e apenas mais tarde, geralmente ao ingressar no ambiente escolar, entra em contato sistemático com sua representação escrita. No caso de uma língua estrangeira aprendida por adultos, como os alunos de graduação em alemão da Universidade de São Paulo, os dois processos se dão de modo simultâneo. Assim, é extremamente comum encontrarmos alunos que apresentam dificuldades em escrever em alemão

1. Selma Martins Meireles é professora de língua alemã na graduação e na pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Reginaldo Dudalski e Sandro Figueiredo realizaram este projeto como iniciação científica com bolsa FAPESP. Sandro Figueiredo é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã.

devido a deficiências na compreensão oral. Este problema reflete um desconhecimento, por parte dos alunos, do sistema ortográfico alemão e uma provável transposição de regras ortográficas da língua portuguesa para a escrita em língua alemã.

Recentemente, a importância da recepção e produção adequada (oral ou escrita) dos fonemas de uma língua voltou a ser salientada no âmbito do ensino de línguas estrangeiras. Por exemplo, HIRSCHFELD (2000) mostra que a pronúncia, mais do que a correção gramatical, determina a inclinação de um ouvinte nativo para dirigir e manter sua atenção à conversação com um estrangeiro. Alguém que fale de uma forma gramaticalmente correta, mas com uma pronúncia extremamente carregada, freqüentemente corre o risco de não ser compreendido. O mesmo vale para a ortografia, cujos erros muitas vezes provêm de um conhecimento e uma recepção deficientes da fonética da língua estrangeira. Aquilo que não é percebido em termos fonéticos tende a não ser produzido ou reproduzido em contextos autênticos de comunicação. Essa reflexão aponta para a importância do treino auditivo e ortográfico, geralmente realizado sob a forma de ditados, o qual, no entanto, tem sido relegado a um segundo plano ou mesmo abolido em materiais e métodos didáticos contemporâneos.

Tais considerações motivaram a realização, em 2003, de uma pesquisa de Iniciação Científica junto aos estudantes de Letras-Alemão da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, financiada pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. A pesquisa tinha por objetivo identificar problemas de aprendizagem da ortografia da língua alemã enfrentados por alunos da graduação que tivessem origem em uma compreensão oral deficiente da língua estudada.

A abordagem contrastiva tradicional consiste em elaborar tabelas de dificuldades fonético-fonológicas com base na comparação dos inventários de fones um determinado par de línguas: fones/fonemas inexistentes em uma das línguas, ou aqueles que apresentam grandes semelhanças sem, no entanto, proporcionarem uma correspondência total, geralmente são identificados como fonte potencial de problemas para os aprendizes de uma dessas línguas como língua estrangeira.

Porém, em situações reais de ocorrência dos fones no contínuo da fala, muitas dessas previsões não apresentam o grau de dificuldade estimado, ou ainda se apresentam outras dificuldades mais agudas. O estudo realizado com alunos da graduação em alemão da FFLCH/USP aponta para essas questões, aqui apresentadas de modo resumido.

I. Inventário dos fonemas em alemão/português

Embora a pesquisa não visasse a aplicações diretas, a didática do alemão como língua estrangeira forneceu o pano de fundo para a realização do estudo. Assim, optou-se por uma base teórica fortemente simplificada, que permitisse elaborar os testes empíricos e analisar os resultados em um nível bastante próximo àquele passível de utilização por professores de língua estrangeira em seu contexto de ensino/aprendizado.

O exame da literatura sobre o tema, em português e em alemão, deixou clara a dificuldade em estabelecer um quadro-padrão com os fonemas das línguas em questão, devido às diferentes linhas de abordagem no estudo da fonética e da fonologia encontradas nas fontes bibliográficas (por exemplo, no caso de obras com abordagem gerativa, que apresentam uma classificação dos fonemas segundo aspectos diferentes dos encontrados em obras estruturalistas). Além disso, há grandes divergências sobre a existência ou não de vogais nasais no português. Como em alemão não há vogais nasais ou mesmo nasalização de vogais, optamos por não incluí-las neste quadro de fonemas vocálicos do português, já que o objetivo do trabalho era mapear dificuldades de aprendizes brasileiros de alemão.

Tendo em vista que a fonética articulatória e a abordagem estruturalista são as que mais facilmente podem ser aplicadas ao ensino de uma língua estrangeira, optou-se pelos seguintes quadros de fonemas em ambas as línguas, seguindo o modelo estabelecido pelo IPA:

Fonemas vocálicos e ditongos do alemão

	ANTERIORES		CENTRAIS	POSTERIORES
	arredondadas	não-arredondadas		
ALTAS	y Y	i I		u U
MÉDIAS	ø œ	e ɛ	ə ɐ	o ɔ
BAIXAS			a ɑ	
Ditongos: /ae/, /aɔ/, /ɔɔ/				

(Exemplos: *fühlen* [fʏlən] – *füllen* [fʏlən]; *bieten* [bitən] – *bitten* [bɪtən]; *Höhle* [hølə] – *Hölle* [hœlə]; *Beet* [bet] – *Bett* [bet]; *Bahn* [ban] – *Bann* [ban]; *wohnen* [vonən] – *Wonne* [vɔnə]; *Ruhm* [ʀum] – *Rum* [ʀum]; *Lehre* [lerə] – *Lehrer* [lerɐ], *Bein* [bæɪn]; *Maus*; [maʏs]; *heute* [hɔʏtə]).

Fonemas vocálicos e ditongos do português

	ANTERIORES	CENTRAIS	POSTERIORES
ALTAS	i		u
MÉDIAS	e ɛ		o ɔ
BAIXAS		a	
Ditongos: /ɪa/, /ɪe/, /ɪo/, /ʊa/, /ʊe/, /ʊo/, /aɪ/, /ɛɪ/, /ɛɪ/, /oɪ/, /ɔɪ/, /uɪ/, /aʊ/, /eʊ/, /ɛʊ/, /ou/, /iʊ/			

Nota-se que o alemão conta com mais do que o dobro dos fonemas vocálicos do português, já que em alemão encontram-se sempre pares de vogais “longas” (tensas) e “breves” (distensas), enquanto em português essa distinção não é relevante. Além disso, há também toda a série de vogais anteriores arredondadas e duas vogais reduzidas (*schwas*), inexistentes em português.

Quanto ao arredondamento, as vogais portuguesas recebem este traço somente quando posteriores. No que se refere à intensidade, todas as vogais portuguesas são tensas (pelo menos em sílaba tônica, cf. MALMBERG 1954). O fato das vogais serem breves ou longas não apresenta valor distintivo no sistema vocálico português.

No que se refere aos ditongos, o português supera em muito o alemão, que apresenta apenas três ditongos decrescentes. Neste estudo, apesar de a realização fonética ser diferente, consideramos que, para fins didáticos, os ditongos alemães /aɐ/, /aʊ/, /ɔʊ/ possam corresponder aos brasileiros /aɪ/, /aʊ/ e /ɔɪ/ no que se refere à sua grafia.

Embora os fonemas vocálicos em ambas as línguas apresentem muitos pontos de contato, deve-se notar que não há realmente uma correspondência total entre eles. As assim chamadas “vogais longas” (ou tensas) alemãs são produzidas com uma tensão articulatória muito maior que suas “correspondentes” no português, enquanto as vogais abertas do português do Brasil são mais tensas e longas que as “correspondentes” distensas em alemão. No entanto, para fins didáticos, optamos por assumir que os fonemas /i/, /e/, /ɛ/, /a/, /ɔ/, /o/, /u/ seriam identificados com menor dificuldade por um falante brasileiro, apresentando-os aqui em destaque como comuns a ambas as línguas, conforme o quadro a seguir:

Fonemas vocálicos comuns a ambas as línguas

	y	ʏ	i	ɪ	ø	œ	e	ɛ	a	ɑ	ɔ	o	u	ə	ɐ
Port.	-	-	x	-	-	-	x	x	x	-	x	x	-	x	-
Alem.	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

De acordo com sua posição na sílaba, em português, temos as seguintes possibilidades de ocorrência:

Vogais do português:	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u
em sílaba tônica	x	x	x	x	x	x	x
em posição pretônica e postônica não-final	x	x	-	x	-	x	x
em posição postônica final	x	-	-	x	-	-	x

No alemão, se considerarmos as ocorrências de vogais tanto em posição átona quanto tônica, segundo Ruth Mayer (1972), teríamos as seguintes conclusões:

Em sílaba tônica inicial, não temos /a/, /ə/ e /ɐ/; em posição medial somente não ocorrem /ə/ e /ɐ/ e, por fim, /ɪ/, /ɛ/, /ʏ/, /œ/, /ʊ/, /ɔ/, /ɑ/, /ə/ e /ɐ/ não ocorrem em sílaba tônica final. Em destaque, estão as possibilidades de ocorrência dos fonemas em ambas as línguas:

Vogais do alemão em sílaba tônica															
	y	ʏ	i	ɪ	ø	œ	e	ɛ	a	ɑ	ɔ	o	u	ə	ɐ
inicial	x	x	x	x	x	x	x	x	-	x	x	x	x	x	-
medial	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	-	-
final	x	-	x	-	x	-	x	-	-	x	-	x	-	-	-

Por outro lado, /y/, /o/, /ɑ/, /ə/ e /ɐ/ não aparecem em sílaba átona inicial; na posição medial não temos a ocorrência de /œ/, /ø/ e /ɑ/ e na posição final são permitidos os fonemas /u/, /o/, /ɑ/, /ə/ e /ɐ/. A diferenciação entre pretônica e postônica é importante apenas para a ocorrência das vogais /ø/ e /ɑ/:

Vogais do alemão em sílaba átona															
	y	ʏ	i	ɪ	ø	œ	e	ɛ	a	ɑ	ɔ	o	u	ə	ɐ
Inicial	-	x	x	x	x	x	x	x	-	x	x	-	x	x	-
medial	x	x	x	x	x*	-	x	x	x**	x	x	x	x	x	x
Final	-	-	-	-	-	-	-	-	x	x	-	x	-	x	x

* somente em posição pretônica.

** somente em posição postônica.

Estudos Lingüísticos Contrastivos em Alemão e Português

Nota-se que as possibilidades de ocorrências comuns de fones vocálicos em ambas as línguas são bastante reduzidas, principalmente no que se refere às sílabas átonas finais, o que irá influenciar fortemente a recepção de tais fones pelos estudantes brasileiros.

Vejamos agora os fonemas consonantais de ambas as línguas:

Fonemas consonantais do alemão

	Bilabiais	Labio-dentais	Dentais/ alveolares	Palato- alveolares	Palatais	Velares	Uvulares	Glotaais
Oclusivas	/p/ /b/		/t/ /d/			/k/ /g/		/ʔ/
Fricativas		/f/ /v/	/s/ /z/	/ʃ/ /ʒ/	/ç/...../j/			/h/
Vibrantes							/R/	
Laterais			/l/					
Nasais	/m/		/n/			/ŋ/		

Fonemas consonantais do português

	Bilabiais	Labiodentais	Dentais/ Alveolares	Palato- alveolares	Palatais	Velares
Oclusivas	/p/ /b/		/t/ /d/			/k/ /g/
Fricativas		/f/ /v/	/s/ /z/	/ʃ/ /ʒ/	/ʎ/	/x/
Vibrantes			/r/			
Laterais			/l/			
Nasais	/m/		/n/		/ɲ/	

A seguir, está a comparação entre os dois inventários, levando em consideração a posição na qual podem ocorrer. Em destaque, estão as possibilidades de ocorrência em comum:

Fonemas consonantais comuns a ambas as línguas

Fonema	Inicial		Mediana		Final	
	português	alemão	português	alemão	português	alemão
/p/	x	x	x	x	-	x
/b/	x	x	x	x	-	-
/t/	x	x	x	x	-	x
/d/	x	x	x	x	-	-
/k/	x	x	x	x	-	x
/g/	x	x	x	x	-	-
/f/	x	x	x	x	-	x
/v/	x	x	x	x	-	-
/s/	x	-	x	x	x	x
/z/	x	x	x	x	-	-
/ʃ/	x	x	x	x	-	x
/ʒ/	x	x	x	x	-	-
/ç/	-	-	-	-	-	x
/j/	-	x	-	-	-	-
/h/	-	x	-	-	-	-
/x/ ⁽¹⁾	x	-	x	-	x	-
/R/	-	x	-	x	-	x
/r/ ⁽²⁾	-	-	x	-	-	-
/l/	x	x	x	x	- ⁽²⁾	x
/LH/	x	-	x	-	-	-
/m/	x	x	x	x	-	x
/n/	x	x	x	x	-	x
/ɲ/	-	-	-	x	-	x
/ŋ/	x	-	x	-	-	-

Nota-se que há uma relativa correspondência entre as duas línguas nas posições inicial e mediana. Contudo, em posição final, o alemão apresenta maiores possibilidades de ocorrência que o português: enquanto neste podem ocorrer apenas vibrantes, sibilantes e nasais, em alemão há ainda a possibilidade de ocorrência das séries oclusiva e fricativa surdas, o que novamente será fonte de dificuldades para os estudantes brasileiros.

Outro ponto no qual há divergências entre as duas línguas é a presença de encontros consonantais e consoantes africadas, os quais na língua alemã são encontrados em vários contextos e em número superior ao observado no português, conforme os seguintes quadros comparativos:

- Os fones /x/ e /r/ constam do inventário fonético do alemão como variantes livres do fonema /R/, podendo ser utilizados nos mesmo contextos que este último.
- Na fala da cidade de São Paulo, onde foi realizado o estudo, não é comum a realização do fonema /l/ em contexto final de palavra, sendo substituído pela vogal reduzida [ʊ].

Encontros consonantais e africadas em ambas as línguas

Combinação de dois fonemas consonantais		
fonemas	alemão	português
/ʃR/	schreiben	-
/ʃl/	schlimm	-
/ʃn/	schneiden	-
/ʃm/	schmal	-
/ʃv/	schwarz	-
/ʃt/	Student	-
/ʃp/	sprechen	-
/kr/	Krieg	cristão
/kl/	klingen	claro
/kn/	Knall	-
/kv/	quer	-
/ks/	xaver	-
/gr/	Grund	grave
/gl/	glatt	glossário
/gn/	Gnade	gnu
/tr/	trinken	triste
/ts/	Zeit	tsar
/dr/	Drama	drama
/tʃ/	Tschüss	tchau
/pr/	Prinz	prato
/pl/	Platz	planta
/pf/	Pfeife	-
/br/	bringen	brasa
/ps/	Psychologie	psicologia
/bl/	blasen	bloco
/fr/	fressen	fritar
/fl/	Flöte	flauta
/vr/	Wrack	vriésea
Combinação de três fonemas consonantais		
/ʃpr/	sprechen	-
/ʃpl/	Splitt	-
/ʃtr/	Strand	-
/tsv/	zwei	-
/pftr/	pfropfen	-
/pfl/	pflegen	-

Em português, não há possibilidade de ocorrência de três fonemas consonantais em início de sílaba, o que causa grandes dificuldades ao falante do português.

2. Representação gráfica dos fonemas em alemão

Mesmo fonemas comuns às duas línguas são freqüentemente grafados, no alemão, de um modo diverso ao observado no português. É o caso, por exemplo, do fonema /f/, que no português é sempre representado ortograficamente pela letra F – como em “faca”, enquanto na língua alemã o fonema /f/ é representado ortograficamente como V ou F (exemplos: *verstehen* [fɛʁʃteən] e *Feuer* [fɔɪɐ]).

A seguir, encontram-se os quadros das representações gráficas dos fonemas vocálicos e consonantais do alemão. Os fonemas que apresentam correspondência parcial no português estão em destaque e as representações ortográficas que diferem daquelas possíveis em português, em **negrito**:

Representação gráfica dos fonemas vocálicos e ditongos no alemão

Fonema - realização fonética	Representação gráfica/ contexto	Exemplos
/y/ - [y]	Ü, Y, UE (<i>seguidos de consoante simples</i>), ÜH	fühlen, Typ, Hueber, kühl
/ʏ/ - [ʏ]	Ü, UE (<i>seguidos de consoante dupla ou duas consoantes na mesma sílaba</i>)	füllen, Mueller
/i/ - [i]	I, IH (<i>seguido de consoante simples</i>); IE	solid, ihn, liegen
/ɪ/ - [ɪ]	I (<i>seguido de consoante dupla ou duas consoantes na mesma sílaba</i>)	Sinn, dick
/ø/ - [ø]	Ö, OE (<i>seguido de consoante simples</i>), ÖH	Vögel, Söhne, Köhler
/œ/ - [œ]	Ö, OE (<i>seguido de consoante dupla ou duas consoantes na mesma sílaba</i>)	Köln, Öffner
/e/ - [e]	E, Ä (<i>seguido de consoante simples</i>), EH; EE	lesen, spät, Mehl, Meer
/ɛ/ - [ɛ]	E, Ä (<i>seguido de consoante dupla ou duas consoantes na mesma sílaba</i>)	Bett, lecker, Blätter
/a/ - [a]	A (<i>seguido de consoante dupla ou duas consoantes na mesma sílaba</i>)	satt, Stadt
/ɑ/ - [ɑ]	A (<i>seguido de consoante simples</i>), AH; AA	Tag, Stahl, Staat
/ɔ/ - [ɔ]	O (<i>seguido de consoante dupla ou duas consoantes na mesma sílaba</i>)	wollen, Stock
/o/ - [o]	O (<i>seguido de consoante simples</i>), OH; OO	Dom, roh, Moos
/u/ - [u]	U (<i>seguido de consoante dupla ou duas consoantes na mesma sílaba</i>)	Fluss, Druck

Estudos Lingüísticos Contrastivos em Alemão e Português

Fonema - realização fonética	Representação gráfica/ contexto	Exemplos
/u/ - [u]	U (<i>seguido de consoante simples</i>), UH	Fuß, Ruhm
/ə/ - [ə]	E (<i>sílabas átonas</i>)	gemacht, habe, sahen
/ɐ/ - [ɐ]	ER, vogal+R (<i>final de sílaba ou morfema</i>)	Lehrer, Flur
/ae/ - [ae]	EI, AI	drei, Maier
/ao/ - [ao]	AU	bauen
/oə/ - [oə]	EU, ÄU	neun, räumen

Representação gráfica dos fonemas consonantais no alemão

Fonema - realização fonética	Representação gráfica/ contexto	Exemplos
/b/ - [b]	B, BB	Eisberg; Hobby
[p]	B (<i>final de sílaba/ morfema</i>)	Urlaub; abbauen
/p/ - [p]	P, PP	Polizei; Suppe
/d/ - [d]	D, DD (:)	einladen
[t]	D (<i>final de sílaba/ morfema</i>)	Fahrrad
/t/ - [t]	T, TH, TT, DT	Titel; Methode; Mittag; Stadt
/g/ - [g]	G, GG	Wagen; Bagger
[k]	G (<i>final de sílaba/ morfema</i>)	Zug
/k/ - [k]	K, CK, CH	Küche; Zucker; Chaos
/v/ - [v]	V, W	Verb; Wasser
/f/ - [f]	F, PH, FF, V	frei; Alphabet; Koffer; verstehen
/z/ - [z]	S	Sofa
/s/ - [s]	S, SS, ß	Eis; Adresse, heißen
/ʒ/ - [ʒ]	J, G	Jesuit; Garage
/ʃ/ - [ʃ]	SCH, S, CH	Schade; Sport; Chance
/h/ - [h]	H (<i>em início de sílaba</i>)	Haus
/j/ - [j]	J, Y	Jahr; Yacht
/ç/ - [ç]	CH, G (<i>após vogais anteriores e consoantes, em final de sílaba</i>)	ich; Milch, ledig
[x]	J, CH (<i>após vogais centrais e posteriores</i>)	Juan, doch
/R/ - [R, r, r]	R, RR, RH, RRH	Büro; Gitarre; Rhythmus; Katarrh
/l/ - [l]	L, LL	Telefon; alle; Zettel
/m/ - [m]	M, MM	Mutter, kommen
/n/ - [n]	N, NN	nein, nennen
/ŋ/ - [ŋ]	NG, N (<i>antes de K</i>)	Engel, Bank
/ʔ/	Não grafado (<i>fronteira de palavras e morfemas, antes de vogal</i>)	es ist...

3. Dificuldades para os aprendizes

Supõe-se que as maiores dificuldades enfrentadas pelos aprendizes brasileiros de alemão estariam relacionadas aos fonemas inexistentes no português, ou àqueles que apresentassem correspondentes na língua materna, mas com grafia diferente.

A maioria das pesquisas e materiais didáticos dedicados à fonética e fonologia do alemão como língua estrangeira dedica-se à produção dos fones da língua-alvo e muitas vezes apresenta um quadro dos principais pontos problemáticos para os aprendizes de alemão como língua estrangeira (cf. p. ex. GÖBEL et al., 1985 - *Ausspracheschulung Deutsch*). A seguir estão alguns exemplos de dificuldades listadas como freqüentes para aprendizes falantes de português:

Grande dificuldade	Fonemas	Causa/ realização alternativa
	vogais tensas / distensas	Parâmetro inexistente no português <i>Ausência de diferenciação entre vogais tensas e distensas</i>
	vogais anteriores arredondadas <i>/ø/, /œ/, /y/, /ʏ/</i>	Fonemas inexistentes em português <i>Ausência de diferenciação entre vogais anteriores arredondadas e não-arredondadas</i> <i>Realização sem arredondamento dos lábios (/e/, /i/) ou leitura portuguesa da vogal grafada (ex.: Köln – “coln”)</i>
	<i>/ŋ/ (RING)</i>	Fonema inexistente no português <i>Colocação de vogal de apoio e criação de sílaba adicional (“ringui”) ou realização como nasalização da vogal anterior</i>
	<i>/ç/ (ICH)</i>	Fonema inexistente no português <i>Leitura portuguesa como em “chuva”</i> <i>Troca pelo fonema alemão /x/</i>
	<i>[x] (BACH)</i>	Fone inexistente no português <i>Leitura como o português “chapéu”</i>
	<i>/kv/ (BEQUEM)</i>	<i>Leitura como em “queijo”</i>
	<i>/ts/ (ZEIT)</i>	<i>Leitura como /z/</i> <i>Inclusão de semivogal</i>
	<i>/ʃp/ (SPRECHEN)</i>	<i>Leitura como o português /sp/</i>
	Encontros consonantais iniciais	<i>Inclusão de semivogal</i>
	<i>/st/ final (DU SAGST)</i>	Contexto inexistente no português <i>Acréscimo de semivogal</i>

Estudos Lingüísticos Contrastivos em Alemão e Português

Dificuldades em nível médio	Fonema	Causa / realização alternativa
	/ɐ/ (LEHRER)	Fonema inexistente no português <i>Leitura aportuguesada da grafia "er" ou supressão completa</i>
	/ə/ (LEHRE)	Fonema inexistente no português <i>Leitura aportuguesada da grafia "e", redução para /i/ ou supressão completa</i>
	[-t] (ER SAGT)	<i>Inclusão de vogal de apoio</i>
	/R/ (ROSE, KARRE)	<i>Produção como /x/ ou /h/</i>

Levantamentos de dificuldades deste tipo baseiam-se no confronto dos inventários dos fones de cada língua, procurando antecipar os pontos críticos nos quais, partindo da escrita, os aprendizes de alemão teriam dificuldade em produzir corretamente os fones em questão, na produção falada. Por outro lado, a pesquisa empírica realizada com os alunos da graduação em alemão da FFLCH/USP partiu de um pressuposto diverso: mesmo que o aprendiz tenha sido apresentado ao inventário de fonemas da língua estrangeira e tenha treinado a sua produção em diversos contextos, ainda assim vários fones e processos fonológicos não são reconhecidos no contínuo da fala, dificultando a compreensão e, por vezes, até mesmo impossibilitando a comunicação.

Em situações como a do aprendiz de alemão como língua estrangeira no Brasil e especialmente na cidade de São Paulo, longe das regiões onde a língua alemã é utilizada como meio de comunicação em contextos orais, a produção escrita assume um papel muito mais importante do que aquele que normalmente lhe é atribuído nos materiais didáticos, voltados principalmente para aprendizes que querem interagir com falantes nativos nos países e regiões nos quais o alemão é a língua oficial de comunicação. Em tais contextos, o domínio das normas ortográficas da língua estrangeira é um item que demanda atenção e que deve ser mais bem trabalhado no ensino/aprendizagem do alemão como língua estrangeira.

Com isso em mente, optou-se pela realização de ditados como o método utilizado para a constituição do *corpus* da pesquisa, visto ser este um dos recursos mais simples e efetivos para verificar a recepção oral de uma língua estrangeira em situação de sala de aula. Por outro lado, ditados pressupõem também o conhecimento das normas ortográficas da língua estrangeira, oferecendo dados para analisar possíveis pontos de conflito com as normas de ortografia da língua materna, no caso, o português.

Os resultados do estudo mostraram que as dificuldades ortográficas dos aprendizes advêm não somente do desconhecimento dos fonemas em si, mas são causadas em grande parte pelo contexto fonotático em que surgem e pelos processos fonológicos desencadeados por eles. Esses fatores podem agir como elementos

complicadores no processo de recepção oral e produção escrita de alemão pelos aprendizes brasileiros.

Partindo dessas considerações, foram elaborados testes para verificar as dificuldades efetivas dos alunos da graduação em Alemão da FFLCH/USP e levantar hipóteses sobre elas. Apresentamos a seguir, resumidamente, a realização do projeto e os resultados mais relevantes.

4. O projeto de iniciação científica

O projeto insere-se nos trabalhos do *Grupo de Pesquisa da Gramática Contrastiva Alemão-Português do Brasil* da Área de Alemão do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, mais precisamente do subgrupo de Estudos de Fonética e Fonologia, centrando-se em um estudo dos problemas de aprendizagem da ortografia alemã de alunos do curso de graduação em Letras – Alemão da Universidade de São Paulo, sob o ponto de vista contrastivo.

Foram realizados testes com alunos de diferentes semestres do curso de alemão, a fim de verificar a evolução da aprendizagem da ortografia alemã e possíveis alterações nos erros mais frequentes. Nos testes aplicados em sala de aula, participaram 61 alunos de quatro turmas: duas salas com alunos do quarto semestre de alemão e duas com alunos do sexto semestre de alemão, divididas em períodos distintos (manhã e noite).

Entre os alunos que participaram do teste, quase 75% não possuíam conhecimento anterior da língua alemã ao ingressar na universidade. Quanto aos demais, somente 12,5% tinham contato anterior em ambiente familiar. Ainda no que se refere aos alunos que possuíam conhecimento prévio, a média de contato com a língua alemã ficou entre 6 meses e 1 ano.

Um resultado interessante colhido na pesquisa foi que o meio de contato com o idioma mais utilizado pelos alunos de graduação de alemão na USP é a internet, seguida dos livros, da música, revistas e TV. Somente um aluno mantinha contato por correspondência e um outro utilizava o trabalho como meio de contato com o idioma alemão.

Foram realizados dois ditados dirigidos, um com um pequeno texto narrativo e outro com palavras isoladas, além de um teste de reconhecimento de fonemas. O primeiro teste aplicado foi o ditado de um curto texto narrativo, que abrangesse a maior quantidade de fonemas possível e apresentasse um nível de dificuldade que não tornasse sua aplicação inviável, mas que, por outro lado, não fosse apenas constituído por palavras já de domínio dos alunos, cujo conhecimento prévio apenas refletiria uma memorização da forma, e não uma compreensão dos mecanismos entre fonema e ortografia. Foi realizada uma leitura em velocidade natural, feita por um falante nativo do idioma alemão do sexo feminino, com as pausas assinaladas a seguir:

Ein Märchen

*Ein armer Schneider hatte drei Söhne und eine Ziege. /
Jeden Tag mussten die Söhne die Ziege füttern./
Die Ziege fraß sich satt./
Am Abend aber schrie sie,/
dass sie noch hungrig sei./
Lange Zeit achtete der Schneider nicht darauf;/
er glaubte ihr nicht. /
Endlich aber wurde er böse/
und jagte die Ziege fort./
Danach lebte er mit seinen Söhnen zufrieden /
bis an sein Ende./*

Os dados obtidos no ditado foram tabulados e analisados, constituindo-se no parâmetro que orientou a elaboração da segunda bateria de testes: um de reconhecimento de fonemas e outro de ortografia, para detalhamento dos principais pontos de dificuldades encontrados.

O segundo teste visava ao reconhecimento de fonemas em palavras isoladas, com o objetivo de observar mais detalhadamente os seguintes itens, levantados no primeiro teste:

- oposição entre vogais longas e breves;
- vogais reduzidas /ə/ e /ɐ/, principalmente em contexto final;
- vogais anteriores arredondadas /y/, /ʏ/, /ø/ e /œ/;
- os fonemas /R/, /h/ e o fone [x];
- oposição entre /m/ e /n/ em contexto final;
- oposição entre /ç/ e /ʃ/;
- oposição entre /z/ e /ts/

O teste de ortografia centrou-se no uso dos seguintes grafemas em diferentes contextos, através de um ditado de palavras isoladas:

- consoantes: H, S, M, N, CH, R, Z, SCH, SCH+ consoante
- vogais: EI e AR (**E**imer e **a**rm^{er}), Ü e U (**w**ürde e **w**urde), ER e E finais (como em **Z**üch**t**er e **S**üch**t**e), vogal + H e vogal + consoante dupla (como em **S**öh**n**e e **S**onn**e**), vogal dupla (**B**eet), R vocalizado após vogal (**V**orteil)

Para cada um desses testes foi selecionada uma lista de vocábulos preferencialmente desconhecidos pelos alunos, já que o uso de termos previamente conhecidos resultaria apenas em repetição de formas cristalizadas e não em verificação de aprendizagem. Apresentamos a seguir um pequeno exemplo ilustrativo de cada teste.

Em ambos os testes, procedeu-se à leitura de vocábulos isolados por um falante nativo do alemão, do sexo masculino. No primeiro, os alunos deveriam assinalar em um formulário o som que ouviam, como no seguinte exemplo:

ASSINALE A COLUNA CORRESPONDENTE AO SOM QUE VOCÊ OUVIR:
(observação: Você ouvirá duas vezes cada palavra. Assinale a coluna apenas após ouvir a palavra pela segunda vez.)

A- /z/ como em "sagen"		/ts/ como em "Zeit"	
1-	()	()	[Seile]
2-	()	()	[Zeile]
3-	()	()	[Zauber]
4-	()	()	[sauber]
B- /œ/ como em "Frage"		/œ/ como em "Lehrer"	
1-	()	()	[Hauche]
2-	()	()	[halber]
3-	()	()	[Raucher]
4-	()	()	[Raube]

No segundo teste, os alunos deveriam preencher as lacunas existentes em cada palavra com as letras que julgassem necessárias, como no exemplo a seguir:

COMPLETE AS PALAVRAS COM AS LETRAS QUE FALTAM
(observação: você ouvirá cada palavra duas vezes)

1- ____ITTE	[Schnitte]
2- ____ECHT	[Recht]
3- ____IEGEL	[Siegel]
4- STEU ____ LICH	[steuerlich]
5- B ____ T	[Beet]

5. Resultados do estudo

Analisando os resultados obtidos com a aplicação do ditado, encontramos alguns pontos já esperados e que acreditávamos constituir dificuldade para o estudante brasileiro, bem como outros que se mostraram inesperados.

A primeira constatação que causou surpresa foi o fato de os alunos considerarem o texto do ditado de difícil compreensão, uma vez que o texto escolhido foi considerado simples pelos pesquisadores. Poucos alunos se aproximaram de uma taxa de 90% de acertos, enquanto outros enfrentaram dificuldades extremamente significativas, levando-os a não reproduzir 50% do texto original. No momento da aplicação, cabe aqui ressaltar, foi pedido aos alunos que reproduzissem no formulário entregue exatamente o que ouviam e conseguiam identificar, mesmo que se tratassem apenas de letras ou sílabas isoladas.

Os resultados dos testes mostraram que as dificuldades dos aprendizes têm origem não tanto no reconhecimento dos fonemas em si, quando contrastados, mas em reconhecê-los no contínuo da fala, quando entram em cena processos fonológicos próprios do alemão.

Concluimos, a partir da análise dos resultados apresentados, que os erros mais frequentes ocorrem na representação ortográfica de vogais longas e breves, das vogais anteriores arredondadas, de vogais reduzidas ao final de palavras e dos fonemas consonantais /ts/, /z/, /R/ ([R] e [ʀ]), /ç/ ([ç] e [x]), /h/ /ʃ/, /m/ e /n/ em seus diversos contextos de ocorrência, em parte devido à inexistência de uma correspondência em português, o que dificulta o seu reconhecimento no contínuo da fala, e por outro lado também devido a questões de desconhecimento das regras de ortografia do alemão ou influência da ortografia da língua materna, que podem levar a erros de grafia mesmo quando o fonema é identificado corretamente.

Com base nestes dados pudemos identificar algumas tendências do falante de português que acreditamos não se tratar de uma característica específica do grupo pesquisado, mas sim uma constante com aprendizes brasileiros do alemão, e que se confirmaram com o terceiro teste. A seguir, delineamos de forma sucinta os principais pontos de dificuldade apresentados pelos alunos.

5.1 Vogais

5.1.1 Vogais longas e breves

No que se refere às vogais, as principais dificuldades sugeridas pela comparação dos inventários das duas línguas acabaram se evidenciando na prática: o falante do português tem dificuldades em diferenciar as vogais breves e longas do alemão, principalmente quando se trata das breves. Por exemplo, um estudante, ao desconhecer princípios fonéticos e o vocábulo em si, não sabe como grafar um som que lhe soa como um [a], mas que pode se tratar do [r] vocalizado (*Vokalisiertes R* [ɐ]) ou mesmo de um *Schwa* [ə], ocorrendo a dúvida entre A, ER, ou E.

As dificuldades em relação ao reconhecimento de vogais breves foram especialmente agudas em contexto de final de palavras. Em todos os exemplos sugeridos em que o final do vocábulo alternava entre /ə/ /ɐ/, /ən/ ou mesmo em uma consoante

(por exemplo: *Züchter, frische, Raube, Eimer, Hahn, frech*), praticamente todas as possibilidades se concretizavam, alternando-se sem um padrão reconhecível e levando à conclusão de que este é um dos principais problemas dos alunos com referência às vogais. A dificuldade persistiu em todos os testes, embora possamos observar que nos testes com alternativas as dificuldades encontradas foram menores do que no ditado livre.

As vogais longas também foram fonte de vários problemas: o [a] longo ou seguido de [ɐ] foi confundido por muitos com um ditongo ([aɪ]), em razão do alongamento da vogal, como em *Armer* [aɐmɐ]. Não foi percebida por nenhum aluno a vogal longa [e] em *Beet*, que em seis casos recebeu o acréscimo de um /t/ na lacuna do teste 3 (apesar de não ter sido pedida a inclusão de consoantes isoladas no teste). Isso demonstra que os alunos, ao procurarem representar através da escrita um vocábulo qualquer, muito raramente têm noções fonéticas no tangente à duração, abertura, arredondamento e posição dos lábios, levando muitas vezes à representação das palavras por pura analogia com vocábulos conhecidos, sem atentar para as suas características fonéticas.

Tivemos ainda a oportunidade de verificar alguns aspectos que não esperávamos encontrar, como a confusão entre as vogais longas anteriores [i] e [e] (grafia “er” para *ihr* ou “liebte” para *lebte*), entre as vogais breves posteriores [ʊ] e [ɔ] (como na re-interpretação de *wurde* como “wollen” e “wo”, casos nos quais os informantes perceberam uma vogal posterior breve, mas não souberam identificá-la corretamente) e o uso de consoantes de apoio em situações nas quais não eram esperadas (por exemplo, a grafia “HUNDRIG” ao invés de *hungrig* [huŋɪɾɪç], na qual foi adicionado o fone [d]).

5.1.2 “R” vocalizado

A letra R representa graficamente dois fones distintos em alemão. Em início de sílaba ou palavra, o fone é sempre [R]. No final de sílaba, ocorreu historicamente um fenômeno de vocalização, ou seja, o fone consonantal foi substituído pela vogal [ɐ], porém, nesse contexto, preserva-se na escrita a grafia da consoante R. Para um aluno não familiarizado com esta variação, este ponto pode causar dificuldades. Ao observarmos os dados do ditado, percebemos que os alunos percebem a produção sonora vocalizada do R, porém, em muitos casos, não sabem como adaptá-la à escrita, grafando os encontros “ar” e “er” como uma vogal única ou mesmo um ditongo. Uma palavra como *armer* [aɐmɐ], portanto, passa a ser grafada como “AMA”, além de “EIMAE”, “ARMAR” etc.

A representação do R vocalizado ([ɐ]) nos testes apresentou três tendências:

- 1) quando antecedida por /a/ longo, verifica-se muitas vezes a transcrição como um ditongo (por exemplo, “EIMER” aos invés de *armer*);

- 2) quando antecédida por /o/, boa parte dos alunos o percebem como um alongamento da vogal, descartando o /r/ vocalizado (por exemplo: “HOCHEN” ao invés de *hochen* [hœçən]);
- 3) em posição final, freqüentemente é grafado como A (por exemplo “AMA” ao invés de *armer*).

5.1.3 Vogais anteriores arredondadas

Verificamos também que, de acordo com o esperado, as vogais anteriores arredondadas, por não ocorrerem no português, são de difícil percepção por parte do falante brasileiro, o que é mais claramente percebido no teste da grafia de palavras isoladas.

As vogais anteriores arredondadas foram confundidas não apenas com suas correspondentes não arredondadas (/y/ e /i/, /ø/ e /e/), como também com as vogais posteriores arredondadas (/y/ com /u/ e /ø/ com /o/), mesmo no teste específico de reconhecimento de fonemas, somando-se a isso ainda a dificuldade de diferenciar as vogais tensas das distensas. Os vocábulos *Hölle*, *Höhle*, *Hülle* e *Hühle* ilustram bem essa dificuldade por parte dos alunos: para *Hülle*, três alunos acharam que se tratava de *Höhle* e outros quatro alunos assinalaram *Hölle*, enquanto que para *Hölle*, onze alunos assinalaram *Helle*. Além disso, no caso de *Höhle*, sete alunos assinalaram *Hülle* e outros dois *Huhle*.

5.2 Consoantes

5.2.1 Sonoridade e desvozeamento:

Um fator relevante que pode influir na compreensão dos alunos é o **desvozeamento** de fonemas sonoros em alemão (*Auslautverhärtung*). Este fenômeno altera um determinado traço dos fonemas – a sonoridade – aproximando-os de seu par surdo quando ocorrem em início ou final de sílaba, como no par *Rä**der*** [Rɛ**d**ɐ] / *Ra**d*** [R**a**t]. Desta forma, o ouvinte não familiarizado com as regras ortográficas do alemão pode ter sua compreensão oral prejudicada e, como consequência, apresentar reflexos na escrita. Os principais fonemas afetados pelo fenômeno são as oclusivas /b/, /g/, /g/ e as fricativas /v/, /z/, /ʒ/ e /j/, nos seguintes contextos:

Fonemas	Contextos	Exemplos
/b/	Início da fala; após pausa; fronteira de sílabas ou palavras; após os fones: [p,t,k,f,s,ʃ,ç,x]	ab Berlin; und bald; wegbleiben; auf bauen; ich bin; Nachbar; abbauen
/d/	Início da fala; após pausa; após [p,t,k,f,s,ʃ,ç,x]	ob du; und du; sag doch; auf der; aus der; ich denke
/g/	Após pausa, fronteira de sílabas ou palavras, após os fonemas: [p,t,k,f,s,ʃ,ç,x]	abgehen; und geht; sag Gerda; nachgehen; falsch gehen; ich gehe
/v/	Após [p,t,k,f,s,ʃ,ç,x], após a africada /ts/, na africada /kv/	abwarten; wegwischen; ich warte; zwei; Qual
/z/	Após [p,t,k,f,s,ʃ,ç,x]	ob sie; hat sie; ruf sie; doch so; ich sehe
/ʒ/	No início de palavra / sílaba; após pausa, início de fala ou após [p,t,k,f,s,ʃ,ç,x]	Genre; Genie; Jean
/j/	Início absoluto; após pausa; início de palavra / sílaba após [p,t,k,f,s,ʃ,ç,x]	jeden Tag; jede Woche; je nach; auf jeden Fall; ein gutes Jahr; ich jage gern

Na sequência *endlich aber* do ditado, pudemos perceber um problema ortográfico foneticamente previsível à luz do desvozeamento: muitos alunos grafaram o termo *endlich* como ENTLICH. Como sabemos, a pronúncia observada neste caso não é realmente uma oclusiva dental sonora, mas sim seu par surdo. Alunos que escreveram a palavra com “T”, portanto, apenas realizaram uma escrita fonética por não conhecer a grafia da palavra, uma vez que a sequência escrita “ENT” existe em alemão (em vocábulos como *entschuldigen* e *entscheiden*, por exemplo) e que o aluno reconhece também, em outros contextos, o fonema /d/, como mostra a grafia correta de palavras como *wurde*.

Outro exemplo da questão é o vocábulo *jagte*, no qual o desvozeamento do fonema /g/ em posição final de sílaba, aproximando-se a [k], fez com que a maioria dos alunos reproduzissem uma escrita fonética, como em “JACKTE”, “JACKET”, “JACKT” etc.

A tendência geral ao desvozeamento em início e final de sílaba do alemão e a dificuldade dos aprendizes em perceber tais sons se refletem em casos como a grafia do encontro “Gl” em *er glaubte*: a grande maioria dos alunos não identificou o encontro entre uma oclusiva velar sonora e uma constrictiva lateral sonora. O desvozeamento de um fonema, neste caso, o /g/, é tão marcante que faz com que os alunos não cheguem sequer a perceber a presença de uma variante surda. Esta constatação explicaria a grande presença, no ditado, de grafias como “ERLAUT”, “ERLAUBT”, “ERLAUPT”, “URLAUB” etc.

Outro ponto observado com relação à sonoridade foi a omissão da consoante surda /t/, no vocábulo *mussten*. Uma análise inicial pode apenas ver o caso como uma ocorrência em que o aluno não identifica o tempo verbal empregado, usando automaticamente a forma do presente. Acreditamos, entretanto, que grafias como

“MUSS”, “MÜSSEN”, “MUSSEN”, presentes em todos os grupos de informantes, indicam não apenas um desconhecimento do tempo verbal, mas sim à representação do fonema que mais se destaca à audição, devido à maior sonoridade do /s/.

5.2.2 Encontros consonantais:

A grande quantidade de consoantes seguidas na escrita, característica do idioma alemão, é mais um ponto no qual o estudante brasileiro apresenta dificuldades. Um exemplo no ditado é o substantivo *Schneider*, no qual encontramos uma sequência de quatro consoantes em início de sílaba (SCHN), inexistente na língua portuguesa (mesmo encontros triplos só são possíveis em sílabas diferentes, como em *malaNDRo* ou *iNFLação*, por exemplo). Em alemão, porém, é comum a ocorrência de sequências consonantais numa mesma sílaba, como mostrado anteriormente.

Como consequência deste diferencial entre ambas as línguas, vemos reflexos na escrita do alemão feita por alunos brasileiros. Encontramos um representativo número de ocorrências de supressão de consoantes (“SCHEIDEN”, “SCHEIDE”, “SCHEINDE”, “SCHEINEDER”, “SCHEIDER”), bem como a inclusão de uma vogal de apoio que quebre a sequência consonantal, como em “SCHINEIDER”. O mesmo pode ser observado em português em relação às chamadas consoantes “mudas”. É comum introduzir uma vogal de apoio na pronúncia de vocábulos como “pneu”, “advogado”, “adaptação”, muitas vezes transferindo-a para a escrita.

Por outro lado, em *schrie sie* temos novamente uma sequência de quatro consoantes (SCHR). Esta sequência, entretanto, é mais presente no dia a dia dos alunos em sala de aula, por conta de termos frequentes como *schreiben*, por exemplo. O número de acertos foi maior do que o dos observados em “SCHN”, embora também se possa notar neste outro caso a presença dos mesmos fenômenos citados anteriormente.

5.2.3 Nasais /m/ e /n/ em final de sílaba

Os fonemas /m/ e /n/, por sua vez, representam a dupla de consoantes com maiores problemas em termos de identificação. Embora tenhamos obtido um elevado índice de acertos em relação ao fonema /m/, temos por outro lado um número de erros bastante relevante em relação ao fonema /n/, o que demonstra que, diante de um quadro em que não realiza uma distinção eficiente do fonema /n/, o estudante brasileiro tende a optar pela nasal bilabial. No teste de lacunas temos uma mostra clara deste quadro.

As letras M e N são a representação gráfica dos respectivos fonemas /m/ e /n/ em alemão e não indicam nasalização da vogal. Além disso, a nasal bilabial se mantém em final de sílaba, ao contrário do que acontece em português: *am* [am], *também* [tãbê].

Sabemos que em contexto inicial a diferenciação entre ambos os fonemas não apresenta maiores dificuldades aos falantes brasileiros, o que tende a se repetir ao nos depararmos com o mesmo contexto na língua estrangeira. Em final de sílaba, entretanto, temos uma questão diferente. A ortografia do português mostra que em final de palavra ou antes das consoantes “P” e “B” sempre ocorre a grafia de “M”. Em todos os demais contextos emprega-se a consoante “N”.

Do ponto de vista da pronúncia, entretanto, tal contexto não é tão simples. Tanto para a grafia “N” quanto para “M”, em posição final pós-vocálica, não temos um fonema consonantal, mas sim uma marca de nasalização da vogal anterior. A escrita no português, portanto, obedece a regras já introjetadas e não a um contexto fonológico, já que não há ocorrência do fone [m] em posição final.

No caso do alemão temos um contexto diferente: M e N não indicam nasalização de vogal, mas são representações de fonemas distintos, com pronúncia e grafia diferentes. Por conseguinte, os alunos apresentam dificuldades para diferenciar os fonemas /m/ e /n/ em posição final, o que acarreta grafias como “JEDEM TAG”.

5.2.4 Nasal velar [ŋ]

Outro ponto de destaque pode ser percebido na grafia da sequência “NGR” no vocábulo *hungrig*, grafada, em muitos casos, como “NDR”. Em alemão, a sequência “NG” representa o fonema nasal velar [ŋ], ou seja, um único som, e não a sequência [ng]. Este fonema é muito dificilmente reconhecido ou reproduzido por aprendizes brasileiros, o que faz com que muitos alunos recuperem na grafia uma consoante sonora que julgam perceber entre a nasal e a vibrante que se segue. Neste caso, muitos alunos adicionaram uma oclusiva dental/alveolar /d/, resultando na escrita de “HUNDE”, “HUNDRIG”, “HUNDRICH”, “HUNDERT”.

5.2.5 Fonemas /ç/ e /ʃ/

Ainda no vocábulo *endlich*, observamos outro ponto bastante problemático para o aluno brasileiro, a distinção entre /ç/ e /ʃ/. Ambos são fonemas fricativos surdos, o que os aproxima e causa possíveis problemas. A única distinção entre estes fonemas se dá no ponto de articulação, uma vez que /ʃ/ é palato-alveolar e /ç/ é palatal. Esta distinção não é facilmente percebida pelo aluno, causando a alternância de grafia entre ENDLICH e ENDLISCH, ainda mais quando se considera que o fonema /ç/ não existe em português.

No entanto, no teste de reconhecimento desses fonemas em contraste não foi detectada uma grande dificuldade em termos de identificação. Podemos, portanto, também creditar a dificuldade na escrita a problemas de desconhecimento de regras ortográficas, como sugerem os resultados do teste 3.

5.2.6 Fonemas /R/ , /h/ e fone [x]

Ao analisarmos o grupo de fonemas seguintes, /R/, /h/ e o fone [x], percebemos que não há grandes dificuldades no reconhecimento de /R/ e /x/. O fonema /h/, por sua vez, embora tenha tido um elevado número de acertos, representa a maior dificuldade de reconhecimento neste grupo.

Em alemão, encontramos os fonemas /R/ e /h/ em posição inicial. Em português não se observa tal distinção, uma vez que temos nessa posição apenas o fonema /X/, o referencial mais próximo de ambos para o falante de português. Como consequência lógica, o estudante brasileiro tende a não distinguir imediatamente ambos os fonemas, tanto na produção quanto na recepção. Vemos pela análise das respostas erradas que o estudante brasileiro tende a confundir este fonema com a fricativa uvular sonora /X/, provavelmente devido à pronúncia do grafema “R” no português de São Paulo. Observamos este fenômeno no ditado com ocorrências de grafias como “RUHIG”, “UNRICHT”, “RUN ICH” em lugar de *hungrig*.

Além da dificuldade existente na distinção entre /R/ e /h/, podemos acrescentar ao grupo o fonema /ç/ em sua realização como [x]. Normalmente toma-se em análise para o reconhecimento de fonemas apenas a distinção entre o par surdo/sonoro. Pudemos perceber, entretanto, que os alunos não distinguem igualmente outros aspectos, como ponto e modo de articulação, agrupando em um mesmo conjunto fonemas diferentes, resultando em grafias como “WARTET” - /R/ e “HATTET” - /h/ para vocábulos como *achtete* - [x].

5.2.7 Parada glótica

Embora o fonema alemão /ʔ/ (parada glótica, *Glottisschlag* ou *Knacklaut*) não seja representado graficamente, o não-reconhecimento de sua ocorrência tem efeitos importantes na recepção oral e na produção escrita dos aprendizes. Tal fato foi evidenciado no ditado no sintagma *ein armer Schneider*, na qual o vocábulo *ein* sofreu assimilação direta com o termo posterior, *armer*, fazendo com que muitos alunos não reconhecessem a fronteira entre os dois vocábulos e resultando em grafias como “EINE”, “EINEN”, “EINER” para toda a seqüência “*ein armer*”.

5.3 Interferência da ortografia da língua materna

Enquanto vários problemas podem ser atribuídos a um reconhecimento inadequado dos fonemas da língua estrangeira, muitos erros só podem ser explicados através da interferência das normas ortográficas do português na produção escrita dos informantes.

Um problema não indicado a partir da análise dos fonemas de cada língua foi a troca efetuada pelos alunos, na grafia, entre Z e S, revelando uma forte influência

da ortografia portuguesa sobre a escrita do alemão. Um bom exemplo é a escrita apresentada para os vocábulos *Söhne* e *Ziege*.

Os dados do segundo teste mostraram que a oposição /z/ - /ts/ não apresenta um reconhecimento deficiente dos traços distintivos de ambos os fonemas, mas que provavelmente se trata de uma questão de interferência da ortografia do português sobre a escrita da L2, o que foi confirmado no teste de lacunas.

No primeiro caso, *Söhne*, temos uma palavra iniciada com a consoante fricativa dental/alveolar sonora /z/, presente no inventário fonológico de ambas as línguas. No entanto, em alemão o fonema é sempre representado graficamente por “S”, enquanto no português, por outro lado, temos o mesmo fonema representado graficamente com a letra “Z” (ou ainda pela letra “S”, porém em um contexto distinto: em posição intervocálica). Ao transferir automaticamente as normas do português para o alemão, o aluno acaba por produzir erros como os observados no ditado, no qual o termo *Söhne* aparece grafado como “ZUNE”, “ZUMMEN”, “ZOHNE”, “ZONE” etc.

Já com relação ao termo *Ziege*, que em alemão é grafado com “Z”, trata-se da representação ortográfica da africada /ts/, formada pela sequência rápida da consoante oclusiva dental/alveolar surda /t/ e da fricativa dental/alveolar surda /s/. Analisando os dados obtidos com o ditado vemos uma grande ocorrência do termo grafado com “S”, ou seja, “SIEGE”, que é um outro vocábulo em alemão.

Podemos estabelecer uma possibilidade de interpretação para o fenômeno: por se tratar de um contexto não existente em português, com uma sequência rápida de dois fonemas consonantais, o aprendiz não percebe a existência de dois sons distintos. Desta forma, fica mais nítido para o estudante o fonema /s/, pois, além de sua maior sonoridade, ele se encontra mais próximo da vogal seguinte. Esta interpretação explica, por exemplo, não existir nenhuma ocorrência em que o aluno tenha grafado o vocábulo com “T”, omitindo o fonema /s/ e a ocorrência, em todos os grupos de informantes, de escritas como: “SINGER”, “SIGNEE”, “SIEGER”, “SIEGE”, “SIEGEL” etc.

A troca entre a grafia com o uso de “S” ou “Z” irá se repetir ao longo de todo o ditado, nas demais vezes em que os vocábulos *Söhne* (e suas variantes) e *Ziege* ou termos com os mesmos contextos aparecem, o que confirma nossas observações.

6. Considerações finais

Como foi demonstrado ao longo deste trabalho, o erro não é um fator isolado, devendo ser contextualizado, de modo que se possa identificar sua natureza. O estudo mostra que ele pode se originar de uma identificação deficiente dos fonemas da língua objeto, no caso, o alemão, do desconhecimento das regras ortográficas do idioma estudado ou ainda de uma interferência da L1.

Pudemos concluir, pela análise final dos dados, que o estudante brasileiro apresenta dificuldades específicas no aprendizado dos fonemas e da ortografia do

idioma alemão. Estas se manifestam como diferentes níveis de assimilação no que se refere à identificação e grafia correta de determinados fonemas em suas diversas posições nos vocábulos, sendo que alguns fonemas (como /m/ e /n/ em posição final) apresentam um grau de dificuldade maior, como demonstrado pelos testes.

Os resultados dos testes corroboraram também a nossa hipótese de que o contexto de ocorrência de um fonema, e não somente a sua inexistência no inventário fonético-fonológico da língua materna, é um fator relevante na explicação de erros de ortografia como os observados na pesquisa. Como exemplo, podemos citar a dificuldade detectada de os alunos brasileiros diferenciarem os fonemas /m/ e /n/ em posição final de palavras, mesmo que tal dificuldade não possa ser prevista a partir do confronto dos sistemas fonológicos de ambas as línguas.

Em geral, os alunos mostraram-se capazes de distinguir os fonemas em questão em contextos de contraste, como mostram os resultados obtidos no teste de reconhecimento, mas apresentam dificuldades em reconhecê-los adequadamente no contínuo da fala em velocidade normal, conforme indicado pelos resultados do ditado inicial. Soma-se a isso o desconhecimento ou uma fixação insuficiente das normas ortográficas do alemão, o que dá ensejo a transferências da língua materna ou de outras línguas estrangeiras, o que leva a erros mesmo quando o fonema é identificado corretamente.

A constatação destas dificuldades inerentes a nossos estudantes não deve ser vista, contudo, como um empecilho para o processo de ensino e aprendizagem, mas muito menos encarada como um fator pouco relevante. A compreensão errônea, por exemplo, de fonemas como /m/ e /n/ ou a falta de distinção entre vogais longas/tensas e breves/distensas, por exemplo, podem comprometer seriamente a comunicação, uma vez que marcam distinções gramaticais e diferenciam palavras em alemão.

Somos de opinião que a constatação da existência destes pontos de maior dificuldade para o aluno brasileiro deve ser levada em consideração pelo professor e trabalhada em sala de aula. Sabemos que a maioria dos cursos de língua estrangeira, entre eles os de alemão, trabalham atualmente sob a ótica da abordagem comunicativa, tendendo a privilegiar o conteúdo sobre a forma, o que muitas vezes leva o professor a relevar possíveis correções na pronúncia do aluno, para não interferir no filtro afetivo que norteia o processo de aprendizagem e não desmotivar o aprendiz. Não propomos a correção excessiva do professor sobre a produção do aluno, mas cremos que o processo de ensino pode ser mais eficiente se forem considerados os resultados apontados em nossa pesquisa. Acreditamos que o professor deve fazer uso constante do ditado em sala de aula, desde as turmas iniciais, bem como explicitar as regras ortográficas e estimular o reconhecimento dos fonemas do alemão, pois dessa forma trabalhará com seus alunos tanto a recepção dos fonemas da L2 quanto a própria fixação da ortografia.

Referências bibliográficas

- ALTHAUS, H. P.; HENNE, H.; WIEGAND, H. E. *Lexikon der germanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1973.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 31^a. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional 1987.
- CALLOU, D., Leite, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- CAMARGO, Sidney. *As consoantes do português e do alemão*. Tese de doutoramento. São Paulo: FFLCH-USP, 1972.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de lingüística e fonética*. Tradução e adaptação: Maria Carmelita Pádua Dias, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- CUNHA, Celso. *Gramática Moderna*. 2^a. ed. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares, 1970.
- DUDEN. *Aussprachewörterbuch. Wörterbuch der deutschen Standardaussprache*. (Duden; Band 6). Mannheim: Bibliographisches Institut, 1990.
- _____. *Grammatik der deutschen Gegenwartssprache*. (Duden; Band 4). Mannheim: Duden Verlag, 1995.
- _____. *Die Neue Rechtschreibung*. Mannheim: Duden Verlag, 2000.
- EISENBERG, P.; Karl-Heinz Rahmers; Heinz Vater (eds.). *Silbenphonologie des Deutschen*. Tübingen: Narr, 1992.
- GARCIA, Marilene Santana S. et. al. *Aussprachehilfe: einfach und spontan*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1991.
- GÖBEL, H. ; GRAFFMANN, H. ; Heinemann, E. *Ausspracheschulung Deutsch*. Bonn – Berlin: Inter Naciones, 1985.
- GOLDSMITH, John A.(ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1995.
- HALLE, M. & CLEMENS, G.N. *Problem Book In Phonology*. Massachusetts: The MIT Press, 1983.
- HARDCASTLE, W. J.& LAVER, J.(eds.). *The Handbook of Phonetic Sciences*. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.
- HIRSCHFELD, Ursula. *Der Klang des Deutschen*. Comunicação apresentada no X Internationalen Germanistenkongress na Universidade de Viena, setembro de 2000.
- KOHLER, K. *Einführung in die Phonetik des Deutschen*. Berlim: Erich Schmidt, 1995.
- LADO, Robert. *Introdução à lingüística aplicada: lingüística aplicada para professores de línguas*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- MAIA, Eleonora Motta. *No reino da fala*. São Paulo: Ática, 1986.
- MATEUS, Maria Helena Mira. *Fonética, fonologia e morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.
- MATTOSO Camara, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis - Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1970.

- _____. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- MAYER, Ruth. *As vogais do português e do alemão*. Tese de doutoramento. São Paulo: FFLCH/USP, 1972.
- MOULTON, W.G.. *The Sounds of English and German*. Chicago: University of Chicago Press, 1962.
- NEVES, Maria Helena de M. (org). *Gramática do português falado*. Vol. VII: *Novos estudos*. São Paulo – Campinas: Humanitas FFLCH-USP/ Editora da UNICAMP, 1999.
- PEREIRA, R. C. "A fonologia contrastiva e o ensino da pronúncia." *Anais do IV Congresso Brasileiro de Professores de Alemão*. Curitiba: ABRAPA, 2000.
- PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1996.
- POTT, Hans-Gunter. *Gramática funcional e comparada do alemão moderno*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1973.
- RAHMERS, Karl-Heinz & Heinz Vater. *Einführung in die Phonologie*. Hürth: Gabel, 1995.
- RAUSCH, Rudolf & Ilka. *Deutsche Phonetik für Ausländer*. Leipzig –Berlin -München: Langenscheidt/Verlag Enzyklopädie, 1993.
- RIVERS, Wilga M. *A metodologia do ensino de línguas estrangeiras*. São Paulo: Pioneira, 1975.
- SILVA, Thaís Cristóvão. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 1999.
- STOCK, Eberhard & Ursula Hirschfeld. *Phonothek – Deutsch als Fremdsprache*. Leipzig – Berlin – München: Langenscheidt/Verlag Enzyklopädie, 1998.
- TRASK, R. L. *A dictionary of gramatical terms in linguistics*. London - New York: Routledge, 1993.
- _____. *A dictionary of phonetics and phonology*. London - New York: Routledge.
- WIESE, Richard (1996). *The Phonology of German*. Oxford: Clarendon Press, 1996.